



PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Tuesday 20 November 2001 (afternoon)

Mardi 20 novembre 2001 (après-midi)

Martes 20 de noviembre de 2001 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d’y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A ou a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes;

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 1 (a)

Tentou contra a existência
Num humilde barracão
Joana de tal
Por causa de um tal João
5 Depois de medicada
Retirou-se pró seu lar
Aí, a notícia carece de exactidão
O lar não mais existe
Ninguém volta ao que acabou
10 Joana é mais
Uma mulata triste que errou
Errou na dose
Errou no amor
Joana errou de João
15 Ninguém notou
Ninguém morou
Na dor que era o seu mal
A dor da gente não sai no jornal.

Francisco Buarque de Holanda,
Poema para uma canção, 1978, Brasil.

Texto 1 (b)

Assassinado o proprietário da ‘Sanzala’

Despesa feita na discoteca foi ‘paga’ a tiro de caçadeira.

O proprietário da ‘boite’ – discoteca ‘Sanzala’, localizada em Vale do Porto, freguesia de Azóia, concelho de Leiria, foi abatido com dois tiros de caçadeira, cerca das 4,30 horas da madrugada de ontem, por um frequentador, ao que se presume sob os efeitos do álcool.

5 A vítima, Fernando Alves Bento, de 30 anos, casado, natural de Rio Maior, e residente numa pensão, foi atingida na cabeça com os projecteis de uma arma com o calibre de 12 mm, deixando-a desfigurada. O autor dos disparos foi Carlos Alberto, de 34 anos, solteiro, operário de uma fábrica de mármore na Batalha.

10 Segundo versão corrente, o homicida estivera naquele estabelecimento nocturno, onde teria consumido uma garrafa de uísque. Instado depois ao pagamento da despesa efectuada e de outra garrafa já consumida noutra noite anterior e que ficara a dever, aquele indivíduo alegou não ter ali consigo a importância necessária, mas sim na sua residência, distante cerca de três quilómetros.

15 O dono da discoteca, para não perder aquele cliente de vista e receando que jamais voltasse com o dinheiro, prontificou-se a acompanhá-lo à sua casa. Depois de aguardar alguns momentos no escuro da fria madrugada, o proprietário da discoteca, em vez do dinheiro, viria a ser atingido com os dois tiros, que o prostraram inanimado na faixa de rodagem.

Depois do facto consumado, o criminoso foi apresentar-se à polícia, contando ali o sucedido. De imediato seguiram para o local agentes daquele posto e uma ambulância dos bombeiros, que providenciaram o transporte da vítima ao Hospital de Leiria, onde chegaria já sem vida, tendo o corpo sido removido, mais tarde, para a casa mortuária do hospital.

Jornal de Notícias 1984, Portugal.

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicarem os seus propósitos.

Texto 2 (a)

Quem planta uma floresta
planta uma festa

planta a música e os ninhos,
faz saltar os coelhinhos.

5 Planta o perfume
das seivas e flores,
solta borboletas de todas as cores.

Planta abelhas, planta pinhões
e os piqueniques das excursões.

10 Planta a cama mais a mesa.
Planta o calor da lareira acesa.
Planta a folha de papel,
a girafa do carrossel.

15 Planta barcos para navegar,
e a floresta flutua no mar.
Planta carroças para rodar,
muito a floresta vai transportar.
Planta bancos na avenida,
descansa a floresta de tanta corrida.

20 Planta um pião
na mão de uma criança:
a floresta ri, rodopia e avança.

Luísa Ducla Soares, *A Gata Tareca e Outros
Poemas Levados da Breca*, 1987, Portugal.

Texto 2 (b)

O machado demolidor e a alavanca principiaram a sua obra de destruição: desconjuntavam-se as pedras dos muros, desfazia-se em pó a argamassa secular, caíam a golpes de machado as vigas dos tectos e os troncos das árvores, alastrava-se de tijolo e calíça a verdura dos tabuleiros, e cedo, de toda aquela vivenda tão amena, só restavam ruínas.

5 O ervanário¹ fora sentar-se na encosta de um monte vizinho, de onde se divisava toda a cena. Com a cabeça pousada na mão e o braço apoiado sobre o joelho, com voz comovida, dizia adeus a cada árvore, que dali via vacilar e cair, como se fosse um amigo que o precedesse no túmulo. Parecia ter fugido para longe, para pelo menos não lhes ouvir a agonia.

Ao lado do velho estava Augusto.

10 Mais do que uma vez tentara arrancar o ervanário daquele sítio. O velho, porém, resistiu, queria estar ali até ver cair a última árvore.

Sempre que via brilhar o machado sobre uma nova árvore, recordava sentidamente algum episódio do seu passado a que ela estava ligada.

15 – Lá vai aquela faia²! – dizia ele com imensa melancolia – pobre velha! Era à tua sombra que meu pai me ensinava a ler! Encostava-se àquele tronco, sobre a grossa raiz que ela tem à flor da terra, e pegando em mim ao colo, guiava-me nas primeiras lições! E viver eu para te ver cair.

– Agora é a tua vez, pobre carvalho!... – dizia algum tempo depois. – Muito queria minha mãe àquela árvore! Por suas mãos a plantou bem tenra. Nunca me sentei àquela sombra que me não lembrasse dela! Pareciam que eram vozes tuas, que ma recordavam, infeliz! Bárbaros!

20 Olha com que desamor a decepam³. Perdoa-me, meu velho amigo, mas vês bem que te não posso valer.

E o carvalho caiu.

O ervanário encostou a cabeça ao ombro de Augusto, e rompeu em soluços.

– Então, tio Vicente, tenha ânimo – dizia-lhe Augusto, igualmente comovido.

25 – Se tu soubesses, Augusto, o que estou sentindo! Olhar para acolá e não ver em pé uma só das árvores que conheci em pequeno! Parece-me um sonho isto, um sonho de aflição! Sinto-me tão só no mundo! Ai! Se a morte me ferisse agora.

Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*,
(adapt.) 1868, Portugal.

¹ Ervanário – aquele que vende plantas medicinais.

² Faia – grande árvore de tronco branco e liso.

³ Decepar – cortar